

MEDO CONTEMPORÂNEO: CORPO E VIOLÊNCIA AUTO-INFLIGIDA EM VÍDEOS DE CURTA DURAÇÃO

Vilmar Prata (PPGLMS/Labedisco/CNPq/Uesb)*

Nilton Milanez (Labedisco/Uesb)**

RESUMO: Dentre os diversos modos de violência existentes e conhecidos pelas sociedades humanas, podemos considerar o suicídio como um tipo de violência bem peculiar, melhor conhecida como violência auto-infligida. Trata-se de uma violência extrema aplicada ao próprio corpo, na qual o sujeito se abdica da própria existência corporal, motivado por diversos fatores, ou podemos dizer ainda, desmotivado por diversos fatores. O fato é que nos últimos anos temos visto uma profusão de suicídios ou tentativas de suicídio, registrados em vídeos de curta duração e postados no *youtube*, produzidos de maneira amadora ou profissionalmente. Mas, o que realmente chama a atenção é esse movimento virtual que desperta numa mão dupla o medo contemporâneo existencial e ao mesmo tempo a curiosidade de olhos afoitos por gestos extremos de violência. Aqui o corpo é posto exatamente no ‘olho do furacão’ e a proposta é apresentar uma breve reflexão sobre o suicídio como auto-violência materializada em um discurso audiovisual, atravessado por tendências midiáticas de espetacularização em uma sociedade submersa em medos contemporâneos, que transforma o corpo-sujeito em um potencial de corpo-suicida. Por fim, para nos auxiliar, tomaremos por base teórica as discussões de Durkheim, Michel Foucault e Camus, que apresentam reflexões pertinentes sobre o suicídio, a violência e o medo, num entrelaçamento social que faz emergir uma rede discursiva na qual o sujeito se pronuncia como o próprio discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; Suicídio; Violência/Medo; Audiovisual; Discurso.

OS DOIS LADOS DA MESMA MOEDA

Vivemos em uma sociedade em que situações relevantes no cotidiano da vida dos indivíduos e conseqüentemente, na vida de toda sociedade, favorecem e potencializam a violência auto-infligida. Vale ressaltar que, conforme Durkheim, em sua obra *O Suicídio*, compreendemos como violência auto-infligida: “todo caso de morte que resulte, direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo, praticado pela própria vítima, sabedora de que poderia produzir esse resultado.” (DURKHEIM, 1982, p. 16).

Dentre tantas situações, podemos apontar o medo contemporâneo como um dos fatores de maior relevância para o aumento do suicídio. O medo se apresenta, de modo geral em todas as instâncias da vida social, atravessando todas as atividades diárias, seja o medo da violência alheia, medo de doenças, medo da miséria, medo de guerras e até mesmo, por mais contraditório que seja, o medo da própria morte, ou da morte de entes queridos, nessa esteira,

*Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professor pesquisador do Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo/CNPq. Email: vilmarlabedisco@gmail.com

**Professor Titular no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Membro efetivo dos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* em “Linguística” e “Memória, Linguagem e Sociedade”, ambos na Uesb. Coordenador do Labedisco/CNPq – Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo. Email: nilton.milanez@gmail.com

conforme Foucault (2011), a morte se torna o maior tabu. Além do crescimento e da prevalência relevante de pessoas com transtornos depressivos, levando ao uso abusivo de substâncias psicoativas, acarretando mudanças no comportamento biológico, social e individual.

Esse cenário contemporâneo da sociedade nos chama a atenção para o fato do quanto o comportamento de violência auto-infligida tem se tornado corriqueiro e absorvido pela sociedade como mais um, entre tantos modelos de violência que ocorrem no dia-dia. Basta observarmos a quantidade reveladora de vídeos de curta duração de suicídios postados no *youtube* nos últimos cinco anos, bem como da quantidade de visualizações e comentários que acompanham essas postagens e do quanto esse tipo de vídeo ganhou espaço nos programas sensacionalistas apresentados por canais de televisão.

A maioria desses vídeos é de curta duração e se dividem em estratos de reportagens, ou mesmo reportagens inteiras, oriundas de programas jornalísticos sensacionalistas da televisão brasileira e amadores, produzidos por populares que casualmente estão no local do suicídio no momento.

Tanto o vídeo amador quanto o vídeo jornalístico fazem do suicídio uma das mais novas atrações de entretenimento da televisão e do *youtube*, pois é perceptível que a violência auto-infligida em lugar público atrai os olhares de quem passa por perto no momento, bem como as lentes das câmeras de seus celulares, dos que fazem o acesso virtual e dos que assistem televisão, especificamente os programas sensacionalistas. Diante dessa nova realidade, podemos questionar com Courtine “Como é que se pode fazer do espanto uma diversão, da repugnância um entretenimento, do medo um gozo?” (COURTINE, 2008, p. 274).

Portanto, os casos de mortes oriundas da violência auto-infligida devem ser considerados especificamente ao produzirem impactos sociais no cotidiano de todas as pessoas, independente da idade, da classe social e de sua religião. Pois, os sujeitos que se deparam com os registros em vídeos de suicídio na televisão ou no *youtube*, ou mesmo, os que assistem ao vivo o suicídio alheio, têm de modo geral, a mesma posição, o de telespectador frente a um episódio que vai da tragédia a um ato público que se transforma em espetáculo.

Quando as mortes resultadas da violência auto-infligida ganham visibilidade midiática, expõe-se a fragilidade e o medo contemporâneo de uma sociedade que perde um corpo saudável no ápice da criatividade e produtividade, punindo não somente o sujeito que morre a uma série de questionamentos e julgamentos, mas, principalmente, se inclui o grupo social no

qual está inserido, privando de modo geral toda sociedade de suas potencialidades econômicas e intelectuais. Conforme Foucault

O corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à luz de sua utilização econômica. (FOUCAULT, 1987, p.28)

Compreendendo o corpo sob esse viés econômico, como ferramenta produtiva favorável a toda sociedade, a violência auto-infligida torna um mal a ser combatido, em contra partida, sob as novas tecnologias de entretenimento, também passa ser uma fonte de diversão um tanto quanto bizarra.

Diante desta realidade, questionamos o fato do corpo do sujeito suicida que, antes, era apenas um desperdício de força produtiva, mas passa, agora a ser uma atração midiática, fonte produtora de vídeos com potencialidades econômicas rentáveis, meio pelo qual se atrai os olhos dos telespectadores.

A VIOLÊNCIA AUTO-INFLIGIDA E SEU NOVO LUGAR NA SOCIEDADE

O suicídio, ou violência auto-infligida realizada em lugares públicos, ganha por meio das lentes das câmeras profissionais e dos celulares um lugar de destaque nos meios de comunicação televisivo e virtual. Parece que se descobriu nos últimos cinco anos que o sujeito que se propõe a se matar sob os olhares dos outros, pode ser um grande motivador do aumento de audiência, ou um fator de privilégio para quem registra com as câmeras dos celulares. Conforme já citado anteriormente, o fato incontestável é que esse tipo de vídeo chama a atenção de todos.

O suicídio ou violência auto-infligida, portanto, vem despertando o interesse dos veículos de comunicação, que enxergam nesse fato um show a ser exibido com características de espetáculo ao público, com potencialização de aumento de audiência e com poder de circulação que ultrapassa a tela da TV e se estende às telas dos computadores e celulares.

O que era até então causador de medo e ao mesmo tempo fonte do medo contemporâneo, ganha contornos midiáticos de diversão. Tal fato nos lembra Manovich que “as novas mídias são objetos culturais que usam a tecnologia computacional digital para distribuição e exposição.” (MANOVICH, 2005, p. 27).

Se de um lado temos quem se interessa em postar no *youtube*, assistir e gravar suicídios em lugares públicos, alimentando o círculo vicioso da sociedade do espetáculo, temos, também, quem se prontifica em fazer de seu suicídio um ato derradeiro para si e para quem o assiste. Assim quando o suicida se exhibe em algum lugar visível, que permite estar

sob o olhar de toda sociedade, fazendo de sua morte uma atração inesquecível e com poder de abrangência midiática. Em Camus, podemos considerar o sujeito suicida na posição de que

O que resta é um destino de que só a saída é fatal. Fora dessa única fatalidade da morte, tudo, alegria ou felicidade, está liberto. A inclinação de seu pensamento não é mais a de renunciar, mas a de explodir em imagens. Ele se representa em mitos, não há dúvida, mas mitos sem outra profundidade que a da dor humana e, como esta, inesgotáveis, não a fábula divina que diverte e cega, mas o rosto, o gesto e o drama terreno em que se resumem uma difícil sabedoria e uma paixão sem amanhã.(CAMUS,1981, p. 31)

Diante dessa nova realidade de entretenimento televisivo que se estende à internet por meio de postagens dos respectivos vídeos, podemos nos perguntar: Por que o suicídio ou violência auto-infligida se tornou nos últimos tempos uma atração midiática de espetáculo, levando em consideração o contrário, visto que, em tempos atrás esse tipo de atitude era censurado pelos meios de comunicação? E para embasar essa pergunta, trazemos a discussão entre Foucault e Schoroeter :

Uma das coisas que me preocupam há certo tempo é que me dou conta do quanto é difícil se suicidar. Refletem e enumeram o pequeno número de meios de suicídios que temos à nossa disposição. Cada um mais desgostoso que os outros: o gás, que é perigoso para o vizinho, o enforcamento que é tão desagradável para a faxineira que descobre o corpo na manhã seguinte, atirar-se pela janela, que suja a calçada. Além do mais, o suicídio é, certamente, considerado da maneira mais negativa pela sociedade. Não somente se diz que não é bom se suicidar, mas se considera que se alguém se suicida é porque estava muito mal.(FOUCAULT, 2011, p. 108)

Nessa esteira, Foucault nos chama atenção para “onde a parte do espetáculo é neutralizada, ou melhor, reduzida à intimidação abstrata.” (FOUCAULT, 1987, p. 62), cravando raízes profundas no coração da sociedade, ganhando mais força quando ocorre o registro audiovisual e a divulgação nas diversas redes midiáticas.

Ao colocar o próprio corpo como narrativa de seus medos configurados em seu suicídio, o sujeito-suicida se expõe a toda sociedade e produz discursos que traz em si a voz de muitos outros sujeitos, vozes diversas que se entrelaçam em uma rede de significados, seja a voz de outros corpos suicidas, seja a voz dos que simplesmente assistem pessoalmente, via televisão ou *youtube*. O suicídio de um corpo quase sempre sem identidade pessoal, como afirma Milanez “Incontáveis possibilidades do corpo coloca em jogo não mais um sujeito uno, estável, firmado e fechado dentro de uma identidade.” (MILANEZ, 2015, p. 97).

A VIOLÊNCIA AUTO-INFLIGIDA EM IMAGENS

Para nos aproximarmos do que se trata a violência auto-infligida e sua representatividade em vídeos postados no *youtube*, trazemos à baila um vídeo do *corpus* de nossa pesquisa para uma breve análise, permitindo, assim, um conhecimento proximal de seus efeitos e consequências midiáticas:

VÍDEO/TÍTULO	POSTADO	DURAÇÃO	VISUALIZAÇÃO	COMENTÁRIOS	LINK
“Suicídio de BudDwer ao vivo (Deep web)”	09/07/2014	1:20	8.469	189	https://www.youtube.com/watch?v=Hwt9kmV-oU0

Esse vídeo diz respeito ao suicídio inusitado de uma figura pública dos Estados Unidos, representante político da sociedade americana, o senhor Bud Dwer, que ao fim de seu discurso no parlamento pega uma arma guardada dentro de um envelope de papel e atira contra a própria cabeça na frente de todos os presentes. Consciente de que estava sendo filmado, sua postura e seus gestos diante da câmera parecem seguir um roteiro cronológico de cada atitude tomada, fazendo ecoar a afirmação de Foucault, que compreende

O corpo, como volume tridimensional de órgãos ligados por esquemas de dependência e de comunicação; a vida e a história dos indivíduos, como sequência linear de fases, emaranhado de traços, conjunto de reativações virtuais, repetições cíclicas; os jogos das correlações neuropsicológicas como sistemas de projeções recíprocas e campo de causalidade circular. (FOUCAULT, 2008, p.47)

Face dessa constatação, o corpo presente nesse vídeo, assume características gestuais indicativas do que se proporá a fazer nos próximos segundos. Para auxiliar na breve análise, seguiremos com alguns fotogramas de relevante significação para o trabalho.

O vídeo se divide em duas partes, na primeira parte temos o início do vídeo configurado no discurso do parlamentar antes de se matar, mostrada aqui nos fotogramas 01, 02 e 03. O *fotograma 01* diz respeito à primeira parte do vídeo que se inicia com a câmera em *plano-conjunto*, expondo de modo geral o lugar no qual o parlamentar discursa e as pessoas que o ouvem. Na sequência temos no *fotograma 02* a câmera se fechando em *zoom*, terminando em *close* no *fotograma 03*. Aqui podemos com Courtine afirmar que o corpo “é o ponto de ancoragem a que é possível referir-se para se apreender como sujeito, gerir-se, manipular-se, transformar-se, ultrapassar-se como pessoa ou indivíduo entre outros.” (COURTINE, 2008, p. 563)



Fotograma 01: O Discurso - 1 Fotograma 02: O discurso - 2 Fotograma 03: O Discurso - 3

Na segunda parte do vídeo temos os primeiros sinais do anúncio da violência auto-infligida que se inicia no *fotograma 04*, na qual o parlamentar tira uma arma de fogo do envelope de papel sobre a mesa assustando todos os presentes e num gesto súbito e quase que agressivo pede para que todos se afastem e não o tentem impedir. Aqui temos a câmera focada em *zoom*, potencializando toda cena. O *fotograma 05*, a câmera em *close* fecha no sujeito-suicida que já com o cano da arma na boca se prepara para atirar contra si mesmo. Por fim, no *fotograma 06* a câmera ainda em *close*, mostra a face do sujeito suicida ensangüentada e seu corpo inerte no chão, concluindo todo ritual dessa violência auto-infligida que ganhou repercussão midiática a nível mundial via *youtube*.



Fotograma 04: A arma na mão Fotograma 05: A arma na boca Fotograma 06: O sangue e o rosto

Salientamos, por fim, que esse vídeo foi produzido de forma amadora por uma pessoa que estava presente no recinto onde ocorreu o suicídio e sua postagem na plataforma virtual se repete por inúmeras vezes, postado por diversas pessoas, atraindo comentários e visualizações de todas as partes do mundo que crescem a cada dia ininterruptamente. Pensando com Foucault, acreditamos ter aí

Um *corpus* de conhecimentos que supõe uma mesma visão das coisas, um mesmo esquadramento do campo perceptivo, uma mesma análise do fato patológico

segundo o espaço visível do corpo, um mesmo sistema de transcrição do que se percebe no que se diz. (FOUCAULT, 2008, p. 38)

De modo geral, notamos que a violência auto-infligida chama a atenção de toda sociedade, seja por curiosidade ou mesmo por medo, não podemos negar que tais imagens despertam no homem contemporâneo uma curiosidade quase mórbida frente aos impasses que a vida nos revela sob as lentes das câmeras mundo a fora.

A NOVA FACE DA VIOLÊNCIA AUTO-INFLIGIDA

Podemos observar, por fim, que o suicídio faz parte da complexidade humana como um fenômeno intrigante e ao mesmo tempo assustador, reflexo relevante do medo contemporâneo. Se ao longo da história, todas as sociedades se propuseram a estudar esse fenômeno, sua interpretação tem ganhado nos últimos tempos uma nova roupagem, calçada por aparatos midiáticos e porque não dizer publicitários.

A novidade da violência auto-infligida está especificamente no fato de seu registro audiovisual passar a ser uma atividade cotidiana e inserida na vida das pessoas por meio da televisão e da internet. As conseqüências desse fenômeno ainda não podem ser mensuradas, porém, podemos, numa primeira instância, considerar que o suicídio realmente chama a atenção e toma um formato totalmente contraditório diferente do que até então tinha dentro da sociedade.

O desafio se estende agora à análise de um discurso do corpo que desafia o tabu social e ao mesmo tempo exige espaço e visibilidade no bojo da comunicação, atravessando e desafiando todos os conceitos estabelecidos de como ver e entender o fenômeno de se tirar a própria vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Trad. Carlos Juncá. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.
- COURTINE, J.J. **História do Corpo**. Trad. e revisão Ephraim F. alves. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DURKHEIM, E. **O Suicídio**. Trad. Luz Caryalho, Margarida Garrido e J. Vasconcelos Esteves. 3ª Edição. São Paulo: Presença, 1982.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir. Nascimento da Prisão**. Trad. Lúcia M. Pondé Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. **Arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. Conversa com Werner Schroeter. In: **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Trad. Vera Lúcia. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. p.102-112. (Ditos & Escritos V)
- _____. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2011.

MANOVICH, Lev. Novasmídias como tecnologia e idéia: dez definições. In: LEÃO, Lúcia (Org.). **O Chip e o Caleidoscópio**. Reflexões sobre as novas mídias. São Paulo: Ed. Senac, 2005.p. 23-50.

MILANEZ, Nilton. Modos de enunciar a pele do corpo. Quais os lugares de onde vem a pele que habito de Almodóvar. In: TASSO, Ismara; CAMPOS, Jefferson (Org.). **Imagem e(m) discurso**: formação das modalidades enunciativas. Campinas: Ed. Pontes. 2015.p. 97-118.